

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Dossiê: “A produção historiográfica através das fontes impressas e da imprensa”

Volume 22 | Número 2 | Ano/período: maio/agosto 2023

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v22i2.14893

ISSN: 2763-8804

Pepetela e a Narrativa Da Nação Angolana em a Geração da Utopia

Patricia M.A. do Prado ¹  

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Referência

PRADO, Patrícia M. A. do. Pepetela e a Narrativa Da Nação Angolana em a Geração da Utopia . Revista Semina, Passo Fundo, vol. 22, n. 2, p.229-244, mai-ago 2023.

Recebido em: 10/04/2023 | **Aprovado em:** 01/05/2023 | **Publicado em:** 20/07/2023

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH- UFG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7401-3873>. E-mail: patriciaprado31@gmail.com.

Pepetela e a Narrativa Da Nação Angolana em a Geração da Utopia

Resumo

O presente artigo trata-se de uma leitura voltada para a discussão da narrativa de nação vinculada à história Contemporânea de Angola mediatizada pelas relações entre literatura e história via a narrativa de nação e das questões sociais abordadas nas obras *A Geração da Utopia* e *A Gloriosa Família e o Tempo dos Flamengos* de Pepetela. Sem, contudo traçar uma abordagem da trajetória histórica do nacionalismo angolano, nosso propósito para este momento, é tecer apenas algumas considerações acerca do projeto de nação delineado por Pepetela.

Palavras-chave: Angola. Pepetela. Nação.

Pepetela and the Narrative of the Angolan Nation in 'The Generation of Utopia'

Abstract

This article focuses on the discussion of the narrative of the nation linked to Contemporary Angolan history, mediated by the relationship between literature and history through the narrative of the nation, and the social issues addressed in Pepetela's works '*The Generation of Utopia*' and '*The Glorious Family and the Time of the Flemings*'. However, without tracing the historical trajectory of Angolan nationalism, our purpose at this moment is to offer some considerations about the nation-building project outlined by Pepetela.

Keywords: Angola. Pepetela. Nation.

Pepetela y la Narrativa de la Nación Angoleña en 'La Generación de la Utopía'

Resumen

Este artículo se centra en la discusión de la narrativa de la nación vinculada a la historia contemporánea de Angola, mediada por la relación entre la literatura y la historia a través de la narrativa de la nación, y los problemas sociales abordados en las obras de Pepetela '*La Generación de la Utopía*' y '*La Gloriosa Familia y el Tiempo de los Flamencos*'. Sin embargo, sin trazar la trayectoria histórica del nacionalismo angoleño, nuestro propósito en este momento es ofrecer algunas consideraciones sobre el proyecto de construcción nacional delineado por Pepetela.

Palabras clave: Angola. Pepetela. Nación.

Apresentação ou uma leitura do conceito de nação

...Existe uma diferença entre um conhecimento de outros povos e outras eras que resulta da compreensão, da compaixão, do estudo e da análise cuidadosos no interesse deles mesmos e, de outro lado, conhecimento — se é que se trata de conhecimento integrado a uma campanha abrangente de autoafirmação, beligerância e guerra declarada. Existe, afinal, uma profunda diferença entre o desejo de compreender por razões de coexistência e de alargamento de horizontes, e o desejo de conhecimento por razões de controle e dominação externa. (SAID, 2007:15).

Conhecer conforme ensinou Said (2007), é um ato político com interesses demarcados, objetivo conhecer mais acerca da cultura e história política de Angola na contemporaneidade, a fim de alargar horizontes e avançar na compreensão em que medida o sentimento de autodeterminação reverbera em luta pela construção da cidadania e as práticas sociais coadunam numa imagem da sociedade angolana balizadas em valores e contradições projetadas na escrita ficcional pepeteliana, para tanto será necessário entrelaçar literatura e história desdobrando numa leitura da nação na obra *A Geração da Utopia*.

O recorte temporal do trabalho trata do período que abrange o ano de 1961, marco inicial da luta armada contra a colonização portuguesa até 1994 após o país passar por transições no sistema político e econômico, inserindo-se numa economia de mercado e passando do mono partido - Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA ao multipartidarismo, este é o momento em que o livro *A Geração da Utopia* é publicado.

Todo escritor tem sua própria subjetividade formada num contexto sociocultural, econômico e político, e por isso introjetada em sua escrita às marcas desta historicidade, este é o caso do escritor angolano, sociólogo, ex-guerrilheiro no MPLA: Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos, de pseudônimo Pepetela.

Para o historiador brasileiro Silvio de Almeida Carvalho Filho, Pepetela é um eminente intelectual angolano, pensador das questões sociais. Filho (2013) aplicou a metodologia da história oral, para investigar as influências na formação do intelectual nascido em Benguela aos 19 de outubro de 1941 em seu artigo: *Pepetela Fragmentos de uma Trajetória* (2013). Destarte, o autor Carvalho Filho (2013) apresentou nos Pepetela como:

um dos mais importantes intelectuais angolanos da atualidade, com obras editadas em diversos países de línguas portuguesa e traduzidas em vários idiomas, ou seja, um literato de renome, premiado em seu país e no estrangeiro, com uma constante intervenção social por meio de romances, artigos, entrevistas e palestras. Esse intelectual gerou uma produção literária e jornalística que interroga as demandas de seu tempo e lugar, expondo as grandes questões sociais e políticas, as relações entre os grupos sociais e as ideologias em confronto. Entendê-lo significa compreender bocados da história de Angola

na segunda metade do século xx e no início do atual (SCHIMIDT,2000:55-6). Como intelectual, Pepetela é um ser multifacetado, cuja atuação e discurso geraram reflexões que ganharam notoriedade em seu país e no estrangeiro. (CARVALHO FILHO, 2013, s/p).

Pepetela é um autor consagrado pela crítica literária, foi galardoado com prêmio Camões em 1997 pelo conjunto de suas obras. Sua produção literária têm grande recepção principalmente no exterior, a leitura de um fragmento da entrevista que Pepetela concedeu ao jornal “Cruzeiro Online” corrobora para compreendermos a recepção de suas obras no Brasil, o trecho abaixo refere se aos livros *Mayombe* e *A Geração da Utopia*:

Essas duas obras estavam esgotadas no Brasil, o que representa essa reedição? Acha que através da leitura dos livros os brasileiros podem se aproximar não apenas da literatura de língua portuguesa fora do Brasil, mas também da história de Angola? Esse é o objetivo da editora e minha ambição também, trazer mais um grãozinho para o conhecimento recíproco. Apesar de esgotadas no Brasil, essas obras continuavam a ser procuradas, em particular por universitários e para teses de graduação e pós-graduação. Fazia todo o sentido reeditá-las.¹ (Grifo meu).

A literatura angolana realiza um movimento de tradução de experiências, práticas sociais, saberes da oralidade para o universo da escrita. Essa tradução envolve as escolhas da forma de narrar à nação e a realidade social das populações, assim “... o universo diegético de Pepetela, ao invés de elidir as diferenças, as salienta, dificultando as possibilidades de dispor a literatura angolana a serviço daquela “burguesia nacionalista” da qual fala Said.” (ALÓS, 2007, p.09).

Inocência Mata (2008) classificou o romance *A Geração da Utopia* como uma metaficção historiográfica, por assim dizer, uma estratégia contra-discursiva que avaliou e questionou uma versão oficial da história. Para Mata o modelo pós-colonial:

é caracterizado pelo recurso à História recente e remota – colonial e nacionalista, ambas, afinal, “oficiais” em suas espácio-temporalidades; porém, não com o figurino de uma recordação nostálgica ou necessariamente canibalesca: essa rememoração pode ser irônica e paródica, no sentido em que a paródia é uma forma intertextual, uma interlocução com o texto da doxa que se pretende transgredir para ultrapassar. (MATA, 2008, s/p).

Como se vê Inocência Mata (2008) cogitou que ao problematizar com ironia e paródia o passado colonial e nacionalista, “oficiais”, o exercício de crítica abre espaços para vozes que foram subalternizadas e para mudança na esfera da interpretação do social. Este exercício de reflexão, re-leitura e re-escrita de representações de raça, etnia e gênero como mencionou

¹ Entrevista na íntegra está disponível em: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/457617/pepetela-os-olhos-criticos-e-literarios-de-angola>. Acesso em: 16 mai. 2023.

Thomas Bonnici (2005) é uma estratégia alternativa de autores naturais de países que foram ex-colônias. Embora haja dissenso acerca do conceito de poscolonialismo como assevera Hamilton Russel (1999), a relevância dos estudos pós-coloniais, decoloniais permanece, posto que permanecem as relações de colonialidade na contemporaneidade.

Entretanto, o historiador tal como o literato, não têm a liberdade de inventar seus fatos, cumpre a tarefa de fazer inúmeras correlações para compreendê-los e interpretá-los inseridos em um contexto histórico. Mas indubitavelmente, a ficção pode corroborar nesta leitura a partir das diversas versões do passado pensada pelos personagens forja-se um imaginário social:

a ficção oferece ao historiador olhos, palavras, imagens, que possibilitam a ele mostrar ao leitor, por sob os seus olhos, o horror, a guerra, o bombardeio, o campo de concentração, o genocídio, que, contudo, não são ficcionais e não devem ser jamais esquecidos. (REIS, 2011:313).

De acordo com Paul Ricoeur citado por REIS (2011, p. 310), o que existe na narrativa historiográfica são variações interpretativas, isto significa dizer que as marcas de exterioridades são sempre repetidas (Ex: nas variadas narrativas historiográficas a declaração da independência angolana sempre será relatada em 11 de novembro de 1975): por assim dizer, os referentes, os vestígios de algum modo rastreáveis, localizados e datados que dão sentido a parte do passado que ainda persistem no presente, os rastro signos-efeitos tão caros ao filósofo francês Paul Ricoeur são sempre repetidos. No caso do literato o que existe são variações imaginativas, posto que se houvesse a repetição de fatos, nomes e personagens idênticos configurariam se como plágio.

Segundo a historiadora Anabele Cunha (2011), a literatura angolana forma se num contexto de clandestinidade não só no cenário político, mas também literário, a partir de uma oposição a influência da literatura e cultura portuguesa. A literatura angolana teorizou, denunciou e inscreveu a experiência angolana dos maus tratos, do sofrimento e da discriminação. Assim, “Tais obras literárias incentivavam os africanos a lutar contra o regime colonial português, na medida em que serviam para conscientizar e mobilizar os africanos em prol da causa independentista”. (CUNHA, 2011, s/p).

Deste modo, e preciso termos em mente que a narrativa ficcional se torna um instrumento de protesto social, local no qual se enuncia à inscrição da identidade nacional. Segundo Said: “o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles”. (SAID, 1995, p. 13).²

² Pepetela num trecho da entrevista concedida ao escritor Frank Marcon (2005) esclareceu quais obras compõem o seu projeto de nação. “F – Em algumas entrevistas, Pepetela disse que em seus romances está preocupado com a construção da nação. Quais seriam as obras que considera esta preocupação mais latente? P – Evidentemente Mayombe, Geração da Utopia, Lueji, Yaka. Efetivamente, acho que são estes. Até certo ponto A Gloriosa Família também faz um pouco parte disto. A tentativa de

Por assim dizer, (re) construir identidades num mundo entendido como pós-colonial é reivindicar a construção da cidadania, Pepetela reivindicou para o povo angolano na obra *A Gloriosa Família* e *o Tempo dos Flamengos* o papel de protagonista de sua própria história, e essa tendência de refletir acerca da construção identidade nacional também pode ser confirmada em *A Geração da Utopia*.

Deste modo, saliento a relevância de profícuas leituras da nação pepeteliana nos estudos de Inocência Mata (2008), Rita Chaves (1999), Hamilton Russel (1999), Anselmo Peres Alós (2007), e Frank Marcon (2005). A construção da identidade nacional está vinculada a materialização do seu processo histórico. Segundo Marcon:

Na sociedade contemporânea há um reconhecimento político e econômico universal da nação como entidade de representação e legitimidade internacional. As pessoas e as coisas são formalmente reconhecidas por documentos civis e por símbolos que as ligam a uma nação. É a nação física instituída como estado nacional que lhes concede proteção, direitos e deveres dentro e fora dele. Neste sentido, para além de ser uma comunidade narrada, de mitos e memórias comuns, a nação como Estado é também uma comunidade territorial e uma instituição política universal. (MARCON, 2005, p.90).

Assim, as identidades são uma construção social dentro de um discurso e de um processo histórico específico como nas lutas pela independência angolana, e se constroem via cultura e linguagem. A construção da nacionalidade angolana tem como um de seus elementos constitutivos a luta contra a opressão. Pereira assinalou que a:

(...) nacionalidade construída a partir de luta armada, seja ela contra o poder colonial (1961-1974), seja a partir da independência, ao longo do conflito civil, que determinou em parte o caráter de uma nação dividida (...) a violência como elemento determinante na formação da nação angolana (...). (PEREIRA, 2004, p.41).

Assim, vislumbro que o discurso e a memória de nacionalidade angolana forjou-se na luta, este fato pode ser constatado se recordarmos os feriados nacionais: 4 de fevereiro dia luta armada de libertação nacional, 17 de setembro dia do herói nacional e 11 de novembro dia da independência nacional são construções simbólicas pensadas para o povo angolano, evidenciam o processo histórico de luta pela independência angolana. Desta forma evidencio que “o nacional como categoria de análise não pressupõe um dado espontâneo que se confunde com o natural

compreender Angola no processo. São estes fundamentalmente. Ah, estou a esquecer um que é importante, A parábola do cágado velho. Claro, A parábola do cágado velho é isto, é evidente, mas em termos de reconciliação, mas é a nação.” Veja entrevista completa está disponível: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102911/211423.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

ou com real e sim uma identidade socialmente construída” (ANTELO, 1998, p.12). Benedict Anderson conceitua a nação como:

uma comunidade de política imaginada e imaginada como implicitamente limitada e soberana. Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão. (ANDERSON, 1989, p.14)

No que se refere a Angola o conceito de nação defendido por Benedict Anderson não corresponde à realidade deste Estado Africano, a nação angolana compõe-se na diversidade, exemplo disso são os grupos etnoculturais: bantos, vatuías e koisan, a diferença faz parte da história de seu povo, Angola é um mosaico de línguas, etnias e tradições.

Partilho da reflexão de Alós (2007) acerca da identidade não ser “una e coesa, o universo ficcional de Pepetela traz é uma Angola marcada pelas diferenças internas, cingida enquanto nação por um discurso que assume suas próprias contradições.” (ALÓS, 2007, p.09). Perspectiva que divergiu da visão do MPLA acerca da formação da nação no período de transição para a independência e nos primeiros anos do país independente. Quando tentou impor com a política de formação do “Homem Novo”, uma política de homogeneização da cultura nacional. Assim, a construção da angolanidade não deveria pautar se pela comunhão entre as distintas culturas de Angola, mas pela imposição de um modelo.

José Maria Nunes Pereira (1998), advertiu que na agenda política angolana destacam – se três concepções de identidade nacional em devir, a crioula (MPLA teve grande parte de sua base composta pelos crioulos), a genuína ou autêntica que traz à cena a primazia do purismo cultural da africanidade bantu como era defendida por Jonas Malheiro Savimbi (líder da UNITA principal oposição ao MPLA de 1966-2002), e a identidade nacional do MPLA com a chancela da história oficial.

Deste modo, Pereira (1998) considerou que os homens fizeram de Angola, - acrescentaria aqui os povos - um rosto com múltiplas faces, sendo a identidade nacional angolana parcellar, coadunando elementos destas concepções. As ações humanas não possuem relevância por si só, mas em consonância com a intencionalidade das mesmas. Os diversos significados estão relacionados ao contexto, ao código sócio – cultural, posto que “a cultura é, portanto, pública.” (GEERTZ, 1978, p. 20).

A literatura como todas as formas de conhecimento traz as marcas de historicidade, o que abre possibilidades de compreensão do contexto sócio cultural no período de guerra contra a metrópole portuguesa e a guerra civil no período pós – independência.

A Proposta de Agenciamento da Emancipação na Geração da Utopia

Em *A Geração da Utopia* Pepetela ficcionalizou temas históricos como *A Casa dos Estudantes do Império* (CEI), o episódio da fuga dos cem angolanos associados da CEI para Paris, as ações da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), a luta armada dos movimentos anticoloniais contra a metrópole portuguesa e depois de 1975 a permanência da luta armada entre os três movimentos anticoloniais, a escravidão, questões raciais, os conflitos étnico-regionalistas, refugiados, o surgimento de Kimbos (aldeias) dos deslocados de guerra, as minas e os mutilados.

Pepetela estruturou a obra cronologicamente abordando os trinta anos de guerra em quatro partes: *A Casa* (1961), *A Chana* (1972), *O Polvo* (Abril de 1982) e *O Templo* (A partir de julho de 1991), contendo no final de cada parte, um epílogo, que promove um desfecho.

Os personagens de AGU são construções identitárias com vozes e posições diferenciadas, possuem características humanas marcantes. Mesmo o sábio codinome do comandante Aníbal referenciado por todo o povo como herói é considerado também como insano pela elite política, por não usufruir no campo político do reconhecimento das suas habilidades e competências de guerrilheiro. O historiador Aníbal reflete, pondera e se posiciona diante dos acontecimentos. E assim como recusou servir exército português na guerra colonial fugindo para Paris, também recusou fazer parte da reorganização política do país independente e em “1977” retirou-se dos quadros do MPLA, recusando o cargo de ministro (p.243) para viver isolado na praia da Caotinha em Benguela.

Em primeira instância, a narrativa ficcional traça a perspectiva da urgência da revolução angolana em resposta a opressão colonial. Mas depois a narrativa possui um tom de denúncia evidenciando o desencanto do povo:

Dois dias antes da sua partida dissera-lhe o sábio: - Quantos mortos nesta guerra? Quantos lares abandonados, quantos refugiados nos países vizinhos, quantas famílias separadas? Para quê? Quando penso nos sofrimentos somados de todos, nas esperanças individuais destruídas, nos futuros estragados, no sangue, sinto raiva, raiva impotente, mas contra o quê? Já nem é contra o inimigo. Cumpre o seu papel de colonizador. O colonialista é colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos – lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranquila do amanhã. Falamos sempre no amanhã. Ontem era a noite escura do colonialismo, hoje é o sofrimento da guerra, mas amanhã será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. Tão eterno que o povo esquece o passado e diz que ontem era melhor que hoje. (PEPETELA, 2013, p.169).

É plausível fazer uma leitura via inúmeras passagens do livro que no período pós-independência (1975), forma-se um imaginário político de frustração, a sociedade civil em mendicância e a corrupção emerge no desenrolar do entrave de guerras entre os três principais movimentos. A corrupção inúmeras vezes repensada nesta obra, também é analisada no período de luta armada e nos primeiros anos de guerra civil pela historiadora portuguesa Dalila Cabrita Mateus posto que é um problema social recorrente, não apenas em Angola. Neste sentido, registro a fala da assessora de Agostinho Neto, Maria da Luz Veloso:

A corrupção instalara – se nos costumes dos dirigentes da jovem República. Simultaneamente deteriorara – se a vida sócio - económica da população, piorando a situação alimentar. A tal ponto que, mesmo no Hotel Panorama, na altura o melhor de Luanda, só se comia galinha, dia após dia. (MATEUS, 2014, p. 73).

A corrupção em *A geração da utopia*, extrapola para os tecidos sociais através do personagem do Mateus - um candongueiro, o personagem ministro pelo MPLA Vitor e a atividade empresarial de Malongo na última seção da obra também se enquadram nesta categoria da qual emerge uma neo-burguesia angolana (PEPETELA, 2013, p. 283;373).

_ O problema fundamental é que o Malongo e o Vítor são os neo-burgueses, os que enriqueceram ou pensaram em enriquecer à sombra do Estado e têm comportamento de novos-ricos, com tudo de trágico e ridículo que essa palavra comporta. E há os lumpen-burgueses, os candongueiros de todas as espécies, e os que começam por pequenos negócios de rua e vão crescendo, sem cultura nem ética. Qual das duas classes comerá a outra? São classes com origens sociais diferentes, mais de igual apetite insaciável. Chegaram a fazer uma aliança é a criar um novo empresário? Seguirei com curiosidade esse combate que vai preencher o fim do século. (PEPETELA, 2013, p. 373).

O discurso de Pepetela acerca da formação da nação na obra *AGU* é projetada a partir da coadunação das relações sociais, políticas e económicas da Geração que sonhou viver num país livre, lutou contra o colonizador e disputou com os compatriotas o poder. Em *AGU* Pepetela projeta e delineia a nação vinculada ao pertencimento geracional, germinando um sentimento de angolanidade que ultrapassa a perspectiva da divisão étnico-regionalista evidenciada na obra *AGU*. O Aníbal diz para Sara:

_ Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conhecestes. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado eramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E

depois...tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para este poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. (PEPETELA, 2013, p. 245-246).

A identidade cultural assim é vinculada ao abrangente conceito de geração, tendo como foco a geração que lutou pela independência e nas cercanias do poder perdeu seus ideais de “construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos (...)”. Deste modo, é a adição de todas as escolhas individuais desta geração é o que delinea a nação angolana na obra AGU via a diversidade cultural. A nação é imaginada no movimento de gerações conhecidas e desconhecidas, tanto “os mais velhos” como também “os mais novos” tal como na CEI foram duas gerações de angolanos, “os mais velhos” organizaram no exterior parte do processo de consciência revolucionária e os “mais novos” tornaram se combatentes nas três frentes de luta armada anticolonial nas “chanas do Leste”.

A nação angolana é urdida por meio de pensamentos inconciliáveis por um lado Vitor, Malongo e Elias formam em conjunto uma imagem da degradação, corrupção e oportunismo ao se servirem do povo através da crença em Dominus.

Mas é a partir da diferença, que os indivíduos e nações se identificam e legitimam seu poder, mesmo que de forma provisória isso se dá sempre em relação ao “outro”. Na obra AGU a nação se constrói por via das diferenças seja em primeira instância contra o colonialismo português, mas no período pós-independência o confronto entre os três movimentos MPLA, FNLA, UNITA que preparavam “as bases de lançamento para este poder”. Stuart Hall considerou que:

as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo - e assim sua identidade - pode ser constituída. (HALL, 2000, p. 110).

Deste modo, o que se torna emblemático não são as diferenças, pois as mesmas simbolizam existência, aprendizagens, mas é a forma como lidamos com elas. A identidade cultural na obra AGU não está fechada em binarismos, pelo contrário é uma formação complexa que entrelaça posições culturais diversificada dos personagens no trânsito cultural pela via dialógica, mesmo quando a diferença é manipulada para segmentar e excluir, ela é problematizada evidenciando se os interesses que motivam a exclusão, posto que “A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura.” (HALL, 2003, p.33)

O personagem Aníbal ainda que desiludido com os rumos da nação ainda têm disposição para o diálogo crítico. Enquanto Sara têm um papel mais diplomático, pois mesmo tendo sido discriminada por ser branca quando vivia na CEI (p.92) e por toda sua vida mesmo tendo uma consciência revolucionária, nunca houve espaço para sua participação dentro da revolução.

Porque fundamentalmente tocava em uma tensão dentro do nacionalismo angolano, pois “(...) os brancos angolanos não são aceites por muita gente, porque podem vir a reivindicar a terra, que é deles também” (PEPETELA, 2013, p.136). Mas Sara mesmo com a permanência da opressão e corrupção que limitam a possibilidade de justiça social por ela almejada, ainda conserva-se amiga do ministro corrupto e têm uma filha a Judite com o malandro Malongo. Além disso, Sara vive a marca da sua diferença cultural ao preferir o batuque dos tambores ao fado português, mas é mulher branca, e ainda por cima filha de pai comerciante rico e mãe angolana. Porém, é ela que tira Aníbal do isolamento, Aníbal retorna a cidade de Luanda disposto a dialogar, a refletir.

A esperança renova-se no final do livro através da personagem crítica de Judite independente, assim como sua mãe tornou-se médica e convive no entre-lugar, na esfera da corrupção por meio dos personagens Malongo seu pai e de Vítor, entretanto, também compartilha do grupo de reflexão apartidário do economista Orlando seu namorado, aonde vê-se a possibilidade de reabilitação da Intelectualidade capaz de proporcionar um novo horizonte para a população. É interessante que seja um grupo apartidário a refletir, um grupo politicamente independente, o Sábio explica que: “... continua a haver duas Angolas. Temos de tapar esse fosso, voltar a criar as pontes. Ora, não é com partidos que se consegue encher o fosso. Os partidos são feitos para dividir, não para unir. Só uma ideia suprapartidária de Nação.” (PEPETELA, 2013, p.372).

Assim, Judite e Orlando e o grupo “apartidário” representam a esperança, novos faróis para orientar o caminho de sua geração, tendo em vista que o emblemático não é o País em si, mas a gestão governamental. O desencanto com os rumos da nação não simboliza falta de esperança, pois:

O espírito tinha de novo adormecido, talvez por anos, à espera de um novo cataclismo universal. No entanto, todos os dias, ele sabia, haveria de regar a mangueira, acariciar o tronco e falar para ela, cada vez mais velho e fraco, mais descrente também, na esperança de despertar o espírito das chanas do Leste que nela vivia, dormitando. (PEPETELA, 2013, p.312).

Os povos fizeram de Angola uma identidade com muitas faces e é esta a perspectiva delineada por Pepetela – uma nação multicultural. Em *A Gloriosa Família* e *o Tempo dos Flamengos* o discurso identitário de Pepetela sobre Angola forma-se através da família, porém de forma multifacetada e hierarquizada, o que condiz com a descrição de Hernandez (2005) acerca da formação da sociedade angolana, por outras palavras, comunga a

diversidade no que tange a língua, a religião, a economia e a raça transfigurando-se numa sociedade “(...) plurinacional, multiracial e marcada pelo conflito” (HERNANDEZ, 2005, p. 510). O que condiz com a representação da Família /Nação angolana ideada por Pepetela, tornando-se necessário analisarmos o trecho a seguir:

o meu dono seguia o habito dos outros brancos, fossem mafulos, fossem portugueses, que nos chamavam de bárbaros por tomarmos banho sempre que podíamos e disso fazemos uma festa. Ele tomava um pela páscoa e outro pelo natal, não devia exagerar, muito banho desgastava a pele, como afirmava. e se esfregava dentro da selha, no meio do quintal, até ficar vermelho, como um jindungo. era espectáculos a que toda gente assistia, família, forros e escravos, numa verdadeira festa (...) (PEPETELA, 1999, p.31).

Festa é sinônimo de encontro, de partilha, embora nas experiências e práticas dos atores sociais existam divergências, mas partilhamos o cotidiano com pessoas que temos afinidade, uma história em comum, porém no trecho acima fica evidente a estratificação social na qual é composta a Nação angolana, em torno da família existe os forros e os escravos, dentro da própria família havia hierarquia, os filhos legítimos e os do quintal. Desta forma, “(...) é preciso levar em conta que a estratificação social era condicionada por elementos econômicos, mas também pela língua, religião e, sobretudo, raça”. (HERNANDEZ, 2005, p. 570).

Pepetela projeta a família Van Dum como paradigma para a Nação angolana, suas palavras acima ainda nos segreda o encontro de um europeu que se adapta e apaixona se não só pela baía de todos os sonhos Luanda, mas também por uma nativa do grupo etno - linguístico kimbundo. Então, temos a convicção de que os filhos simbolizam o hibridismo cultural no qual a Nação é forjada. Portanto, o que o autor refuta é a dominação cultural, a imposição e universalização dos valores culturais, trazendo como contraponto os laços de afinidade, as experiências cotidianas para reforçar a noção de identidade nacional angolana. É justamente essa refutação que se torna instrumento de mudança e de transformação sendo, portanto, um dos prováveis motivos que leva Pepetela a ambientar sua obra AGF na Angola colonial do século XVII, inspirado na teoria pós-colonial procura compreender o tempo presente da realidade social da Angola pós - independência.

Assim as atitudes de recusa, de ruptura em aceitar a autoimagem estereotipada por parte das sensibilidades descolonizadas como no caso de Pepetela tornam-se instrumentos de mudança e transformação. Por que:

(...) a indústria cultural funciona como um mecanismo de imposição de valores de determinadas regiões a todo o mundo sob a justificativa da integração total da humanidade. Desse modo longe de haver um intercâmbio cultural, a globalização em geral promove os valores do Ocidente (HALL, 2000, p. 170-171).

Deste modo, as sensibilidades descolonizadas promovem um estratagema de inversão de posições no interior das culturas, disseminando e tentando proteger a correspondência inventiva com suas próprias tradições. A correspondência com o passado evocado por Pepetela via cultura (Politização na CEI, leva ao conhecimento do público leitor a exaltação da terra angolana, a existência de um conjunto musical de resistência colonial – N'gola Ritmos, além de pratos típicos da culinária angolana tais como o pargo de Benguela, o calundu ou em AGF a caldeiradas feitas por Katarina, ou a estatueta Lunda-Tchokwe O Pensador símbolo da cultura e unidade nacional angolana), e por intermédio da tradição. Vislumbre a tradição não como "(...) chamado retorno as raízes, mas uma negociação com nossas rotas". (HALL, 2000, p. 109).

Na AGU Malongo têm o perfil de malandro que sempre quer tirar vantagens em tudo, e chega a ganhar em um ano dez vezes mais do que havia ganhado a vida inteira por via da representação de firmas belgas, francesas ou holandesas de porte médio até abrir sua firma importação-exportação. Na visão de Sara ele trazia inúmeras coisas inúteis para o país (p.260) e enchia os bolsos. Mas é Malongo que reclama da intervenção estrangeira nas questões internas em Angola. Vejamos:

Durante os últimos anos que viveu na Europa, foi muito chateado com a eterna pergunta, mas quando é que acabam com essa guerra? Também ele tinha vontade de fazer a pergunta a quem de direito, e chegara a fazê-la, mas aí era diferente. Não admitia é que os europeus lhe viessem com lições. Tiveram uma guerra que até se chamou Guerra dos Trinta Anos. E uma outra dos Cem Anos, devia ser recorde mundial. Não viessem por isso armar em professores de pacifismo só porque desde a hecatombe de meados do século não tinham uma guerra a sério na Europa. Aprenderam mas é a fazê-las longe de casa, quem se lixa é o quintal do outro. (...) Mas a guerra tinha finalmente acabado. E ele estava há muito tempo preparado para a paz. (PEPETELA, 2013, p.315).

Quanto A gloriosa Família recordarmos que numa família cada pessoa é diferente umas das outras, neste sentido Pepetela doa múltiplas imagens de nacionalidade angolana a partir dos filhos. Na multiplicidade de pontos de identificação propicia imagens nas quais os angolanos possam escolher o que os faz sentir - se angolanos. Pois, "(...) é somente pelo modo qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos. Não há como escapar de política de representação e não podemos lidar com a ideia de como a vida realmente é lá fora." (HALL, 1996, p. 205). Em ambas as fontes analisadas a Nação é projetada a partir de conceitos abrangentes como a Família e Geração, constituindo as em tessituras polifônicas da angolanidade, com espaços para diversos enquadramentos subjetivos possíveis do ser angolano.

Considerações Finais

O livro *A Geração da Utopia* é uma das seis obras que compõem o Projeto de Nação idealizado por Pepetela é um documento interessante para pensarmos a proposta identitária da cultura nacional angolana, considerada pelo professor Pereira (1998) como “parcelar” em um contexto de transição entendido como pós – colonial.

O que justificou o emprego da obra literária *A Geração da Utopia* (AGU) como documento social, devido tratar se de um excelente artefato, um romance com narrativa polifônica, estruturada a partir de diálogos e da memória individual e coletiva dos personagens através de suas lembranças, das experiências da Geração que sonhou e lutou pela liberdade e soberania de Angola.

A Geração da Utopia trás questionamentos sobre as ações, os discursos políticos e a ausência de valores sociais, discursos fundados durante este período de transição do contexto colonial até a República de Angola, o que é evidenciado no diálogo entre Orlando é o Sábio (Aníbal):

Houve as lutas internas, golpes de palácio que ninguém entendia, afastamentos de tipos que para nós eram heróis, outros iam parar à cadeia. E a minha geração, jovem e entusiasmada, foi perdendo o entusiasmo, foi considerado que a política era algo proibido e perigoso, só se devia cumprir e não pensar. Ela aí está, pensando só no carro e nas viagens, no futebol e nas farras. Sem meta na vida. Tens razão disse o Sábio. _ O mais importante para uma geração é dar qualquer coisa de bom à seguinte, um projeto, uma bandeira. No futuro, e o pai a deixar uma herança para o filho. E é triste sentir que a nossa geração, que vos deu apesar de tudo a independência, logo vos seguir vos tirou a capacidade de a gozar. (PEPETELA, 2013, p.369).

Entretanto, assim como Inocência Mata sinaliza também, Pepetela em AGU não traça o fim da utopia, pois evidencia uma realidade emblemática para propor um agenciamento da emancipação política das novas gerações angolanas. Um novo recomeço, “_ Como sabe, criámos um grupo apartidário para refletir sobre esses problemas” (PEPETELA, 2013, p.372). O grupo de reflexão liderado por Orlando reivindica um novo projeto político para a nação angolana.

Referências

- ANDERSON, B. **Nação e consciência Nacional**. São Paulo; Ed. Ática, 1989.
- ANTELO, R. **Algaravia: discursos de nação**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.
- ALÓS, A. P. **As fronteiras internas da nação: pensando o colonialismo a partir da literatura angolana**. Cadernos do IL, Porto Alegre, v. 2, n.º 35, dez. de 2007.
- Bonnici, T. **Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21**. Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v. 4, no 3, 2005, p. 186-202.

- CARVALHO FILHO, S. A. **Pepetela**: Fragmentos de uma trajetória. Boletim Tempo Presente. v. II, p. 14-28, 2013.
- CHAVES, R. **Pepetela**: utopia e romance na história de Angola. Via Atlântica. São Paulo, v. 2, p. 216-232, 1999.
- CUNHA, A. « **“Processo dos 50”**: memórias da luta clandestina pela independência de Angola », Revista Angolana de Sociologia, nº8 2011, 87-96.
- GEERTZ, C. **A Interpretação da Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HERNANDEZ, L. M. G. L. **As rotas para a Independência e o fim do ultracolonialismo**. In: A África na sala de aula: Visita a História Contemporânea. 1a ed. São Paulo: Grupo Summus – Selo Negro Editora, vol. 1, 2005.
- MARCON, F. N. **Leituras Transatlânticas**: Diálogos sobre identidade e o Romance de Pepetela. Florianópolis. Tese de Doutorado em antropologia social. UFSC, 2005.
- MATA, I. **A crítica literária africana e a teoria pós-colonial**: um modismo ou uma exigência? O Marrare. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. nº 8, 2008.
- MATEUS, D. C.; MATEUS, **A Purga em Angola**: O 27 de maio de 1977. 9. ed. Cordóva: Texto editores, 2014.
- Pepetela. **A Geração da Utopia**. São Paulo: Leya, 2013.
- Pepetela. **A Gloriosa Família e o Tempo dos Flamengos**. Rio de Janeiro; Editora Nova Fronteira, 1999.
- PEREIRA, J. M. N. **Angola**: Identidade Nacional e Africanidade. In: DOPCKE, W (org). Crises e Reconstruções. Brasília: Ed. L.G.E., 1998.
- PEREIRA, L. N. N. **Os Bakongos de Angola**: a nacionalidade na fronteira. In: tese de doutorado: Os Bakongos de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda. 2004, 237p., São Paulo. Departamento de Antropologia – FFLCH/USP I. São Paulo, 2004.
- PINTO, T. P. L. **Modernidade x Tradição**: homem novo e o problema racial e étnico em Angola. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.
- REIS, J. C. **História da 'Consciência Histórica' Ocidental Contemporânea**: Hegel, Nietzsche, Ricoeur. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. pp. 11- 31.